



revista científica

LINKSCIENCEPLACE
interdisciplinar



Revista Científica Interdisciplinar. ISSN: 2358-8411

Nº 2, volume 3, artigo nº 3, Abril/Junho 2016

D.O.I: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/v3n2a3>

UTOPIAS DO FALSO COLORIDO: COMENTÁRIOS SOBRE LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Erick da Bernardes¹

Graduando em Letras: Português/Literaturas

Resumo

Este artigo busca discutir a visão "romântica" que se tem do comunicador brasileiro enquanto profissional. Será analisada a relação entre arte e mercado para o intelectual de hoje e a sua perspectiva frente à globalização. Além de pontuar alguns aspectos de "um" Graciliano Ramos crítico, sob o viés contemporâneo para trazer à tona o seu posicionamento acerca do escritor e seu ofício.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; Arte e mercado; Bernardo Carvalho e Graciliano Ramos.

Abstract

This article seeks to discuss the "romantic" vision that has the Brazilian Communicator while professional. Will be examined the relationship between art and the market today and their intellectual perspective vis-à-vis the globalization. In addition to scoring some aspects of the critic Graciliano Ramos critic on contemporary bias to bring out its positioning about the writer and his craft.

Keywords: Contemporary literature; Art and market; Bernardo Carvalho and Graciliano Ramos.

O enredo é absolutamente unívoco, a ação pode colorir-se de mil ambiguidades (Umberto Eco).

¹ Graduando em Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ(FFP/UERJ) e pesquisador colaborador do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UERJ (PIBIC/UERJ), no projeto Viagens reais e imaginadas: história, ficção e autobiografia nas obras de Bernardo Carvalho e Bruce Chatwin, coordenado pelo professor doutor Paulo César Oliveira. Membro colaborador do Grupo de Pesquisa CNPq, "Poéticas do Contemporâneo" (UERJ/UNIABEU/UESC). E-mail: ergalharti@hotmail.com <http://lattes.cnpq.br/0830203973792146>

Introdução

A feira literária que aconteceu em Frankfurt no ano passado teve importantes ressonâncias para nós brasileiros. Os reflexos das comunicações apresentadas na Alemanha nos fizeram remeter ao que Antonio Candido costuma chamar de "pensamento ainda romântico". Tal reflexão deve-se aos inoportunos comentários de algumas figuras de renome do nosso país, das quais se destacaram um escritor, também cartunista famoso (principalmente para a literatura infantil), e uma personalidade do meio político e de incontestável capacidade de polemizar.

No recém publicado *Garranchos* (2013), livro com textos inéditos de Graciliano Ramos organizado pelo professor doutor Thiago Mio Salla, encontram-se artigos e crônicas que trazem em seu bojo questões semelhantes às aquelas apresentadas e discutidas no evento europeu acima referido. Curiosamente, um dos motivos de certa polêmica é que, mesmo sabendo dos problemas castradores da arte neste nosso país, ainda assim, houve quem reclamasse aos escritores brasileiros um pouco mais de colorido na nossa literatura.

Outro ponto de contato entre um "Graciliano-crítico" e a intelectualidade brasileira contemporânea é a relação arte-mercado para o artista das letras, no qual Bernardo Carvalho tem transitado com perspicácia. Contexto em que, na maioria das vezes, o profissional das letras exerce a docência concomitantemente ao trabalho de escritor. Para a grande parte dos nossos intelectuais, a discrepância remunerativa é tamanha, se comparados com seus colegas dos países desenvolvidos, que paradoxalmente, é preciso ficcionalizar muitíssimo para não lançar mão de narrativas "realistas" que trazem a frustração em seu cerne, ou para não "pintarmos" uma "aquarela do Brasil" em preto e branco, tendo como pano de fundo a matiz cinzenta da hipocrisia nacional. E, se fizermos alguns questionamentos neste país "de coqueiros que dá cocos" como diz a redundante canção, comparando-o então com a Terra em que aos educadores não se dá nem o respeito merecido, não se terá como se tem "os cocos" também neste Brasil a falta de respeito?

Nesta nossa sociedade (não raro) considera-se a profissão de professor como um sacerdócio, ou seja, alguém que trabalha por dom e que lega ao segundo plano a questão salarial. Obviamente, é contra este tipo de pensamento que nos voltamos,

e discutimos (pelo viés da crítica recém publicada que compõe parte dos textos de *Garranchos*) o discurso do profissional que se quer valorizado economicamente pela função que exerce, rejeitando aquela concepção antiquada que nós temos de nós mesmos, na qual ainda se pensa que professor competente é aquele que ensina por amor à profissão.

Neste trabalho teremos como suporte teórico as ideias de Zygmunt Bauman, *Modernidade líquida* (201), livro em que o sociólogo polonês traça um panorama da crise da cultura pós-moderna - ou líquida sob a sua concepção. Serão estabelecidos três capítulos para a nossa discussão. Inicialmente faremos um rápido resumo da Feira Literária de Frankfurt, e logo após, uma síntese sucinta da obra *Garranchos* (2012) de Graciliano Ramos. E ainda, trataremos da relação arte e mercado para o escritor contemporâneo

Finalmente, gostaríamos de salientar que este artigo deve muito as discussões apresentadas no Seminário de Estudos Literários Nação e Invenção, em cujo evento tive a honra de participar como ouvinte. Naquele momento fomentou-se discussões que vieram contribuir grandemente para as ideias aqui levantadas. E, vale ressaltar que, longe de esgotar este assunto nosso intuito é fazer como lá; disseminar as ideias e fomentar discussões que os nossos professores com suas leituras nos provocaram.

Realidade ou ficção?

O Brasil foi destaque na feira de Frankfurt devido ao seu notável crescimento no mercado editorial. Entretanto, desta vez, veio à tona algo que já faz tempo nós brasileiros conhecemos muitíssimo: os problemas sócio-culturais causados principalmente pela desigualdade econômica. A nossa participação no evento foi polêmica, porém ficou evidente o paradoxo de sermos um país em franco crescimento econômico, mas que ainda mantém problemas que há séculos se perpetuam, como é o caso do saneamento básico e da ineficiência do transporte público.

Apesar de ter sido criticado por uns e elogiado por outros, o escritor Luiz Ruffato mostrou a que deve a sua escrita, ou seja, Ruffato escreve em suas obras aquilo que o incomoda como cidadão. Em entrevista à *Reuters*, durante a feira literária na Alemanha, o autor de *Eles eram muitos cavalos* (2001), fala sobre o

Brasil e "descreve o caos, violência, miséria e decadência de São Paulo". Sua escrita "realista" desnuda o país vestido para estrangeiro ver. "As palavras de Ruffato contrastaram fortemente com o discurso oficial do governo brasileiro, focado no rápido crescimento econômico e na oportunidade para todos".

Ao falar da sua obra, Luiz Ruffato toca em um ponto crucial para a nossa discussão, o escritor "quase não enfatiza os clichês sobre o Brasil moderno - a cultura de praia, carnaval e caipirinha. A realidade abordada por ele é diferente", é o que ele vê, "e não é bonito". Nós poderíamos ir mais além, ou melhor, retroceder ainda, porque os clichês não são modernos, são da época do romantismo no Brasil. Segundo Antonio Candido, são tendências acentuadas que vêm desde "o século XVIII, quando se instalou o culto da sensibilidade, (e) os românticos chegaram ao subjetivismo sentimental mais indiscreto" (2004, p. 80).

Esse culto ou exaltação das belezas tropicais não combina em nada com o que vemos por aqui. O próprio Luiz Ruffato disse à *Reuters* que é filho de um vendedor de pipocas e de uma lavadeira analfabeta. E, que já "ficou sem dinheiro, dormiu no chão de uma rodoviária por um mês e choca seus compatriotas quando diz que essa ainda é a realidade do Brasil, mesmo com o país se tornando uma potência econômica (...) nós somos um país paradoxal", afirmou (2013).

Tomamos como mostra, do tempo em que esses problemas se arrastavam, e ainda se arrastam, quando lemos uma obra literária de anos atrás e parece-nos que nada mudou, que estamos às voltas com a mesma "realidade" dolorosa. Por esse motivo trazemos à discussão dois subcapítulos do livro *Garranchos* (2013), de Graciliano Ramos, organizado por Thiago Mio Salla. Nestes textos (Célula Dreiser I e Célula Dreiser II) Ramos discute os problemas de cunho sócio-cultural e a importância do profissional das letras para o Brasil. Importância que pelo visto, alguns dos nossos representantes na Feira alemã demonstrou ter ignorado.

Apesar da Ministra da Cultura Marta Suplicy e do cartunista Ziraldo protestarem acerca do discurso "realista" de Luiz Ruffato, a alfinetada contra a alegorização brasileira teve seu lado positivo. Ainda que, em entrevista concedida a Sonia Racy e Thais Arbex, do Jornal Estado de São Paulo (21/10/2013), a Ministra da Cultura tenha dito que "em Frankfurt o Brasil deixou de ser aquele país colorido", e lamentado "o discurso de Luiz Ruffato, a ausência de Paulo Coelho e as críticas à seleção dos escritores pela ausência de negros e aos R\$ 18,9 milhões investidos na Feira de Frank", Marta Suplicy disse: "O Brasil entrou na fita. Não sei se da melhor

maneira, mas certamente não como pensávamos. Segundo o presidente da Feira, Jürgen Boos, o Brasil deixou de ser um País colorido onde ninguém trabalha". Tal declaração de Boos desmistifica a nossa imagem pintada lá fora, de inocência e de país do carnaval.

Panela na cabeça

Ao falar dessa visão ultrapassada que se tinha (e ainda se tem) dos intelectuais brasileiros, Graciliano Ramos - em *Garranchos* (2013) - protestava contra a imagem romântica que, não só os estrangeiros, mas nós mesmos, temos do profissional das letras no nosso país. Segundo ele, somos também responsáveis pela imagem de "oba-oba" que há em relação aos brasileiros, e reclamava dizendo que, acreditava "não cometer ato de indisciplina quando reivindicamos, para nós, tratamento igual ao que recebem outros profissionais" de qualquer outro lugar (RAMOS, 2013, p. 287). Conforme no "Discurso à célula Teodoro Dreiser II":

Devemos, entretanto, reconhecer que os maiores culpados por essa situação somos nós mesmos que, devido ao excessivo personalismo, à nossa incapacidade de organização, não soubemos (...) fazer aceitar como profissão nosso trabalho de escrever. O mal vem de longe, desde a época em que muito se falava em "arte pela arte" e em que a literatura constituía ainda, para a grande maioria, mera ocupação subsidiária ou passatempo para as horas vagas. Hoje porém, (e já naquele tempo alguns escritores) muitos dos nossos vivem realmente de sua pena, e mesmo os que dela não tiram a sua manutenção, consideram o trabalho de escrever como a sua atividade principal, a mais importante, levando-a muito a sério, respeitando-a, reconhecendo-lhe toda a dignidade e os direitos inerentes a uma verdadeira profissão. Mas, de qualquer forma, não vencemos ainda os preconceitos gerais" (RAMOS, 2013, p. 287).

Nesse sentido, Ramos não poupava esforços para desconstruir essa imagem, criada numa época em que o índio assumiu o foco alegórico, para que pudesse refletir uma identidade nacional carnavalizada. A sua estética denunciava essa falsa exposição romântica que se tinha (e se tem) de nós comunicadores, enfatizando um tom mais "realista" das obras.

Se nos abalançarmos a reproduzir um carnaval, não exteriormente, mas o interior dele, a bagunça que turba os espíritos, com certeza manejamos serpentinas e lança-perfumes, gritamos, bebemos chopes, declaramos tolices, perdemos a cabeça; quando escrevemos, porém, não conservamos a máscara no rosto, não nos atordoa o cheiro do éter, estamos livres da influência dos cordões. Ninguém pensará que formamos uma passagem de romance trepados num automóvel, sob nuvens de confete, ouvindo berros e toques de clarim (RAMOS, 2013, p. 278).

Assim, o ato de escrever era para Ramos também lugar de atuação. A valorização do trabalho intelectual foi tema recorrente em seus discursos políticos e conferências. Para ele, a profissão de escritor e professor deveria ser valorizada. O autor de *Memórias do cárcere* se considerava um artista que buscava evidenciar a "realidade" brasileira, ainda que não fosse bela e fantasiosa. Apesar de ter sido escrito no século passado os trabalhos de Ramos denotam contemporaneamente a dureza do cotidiano do nosso povo (como aquela levada à tona lá em Frankfurt por Luiz Ruffato), e não o "Brasil colorido" e romântico pretendido pela ministra Marta Suplicy e o "pai" do *Menino maluquinho*.

O questionamento feito por uma jornalista estrangeira, logo na abertura da Feira de Livros de Frankfurt, causou impacto. Segundo o jornal *Observatório da imprensa* (14/08/14), na seção *Armazém literário*, na matéria "Brasil em edição revista e ampliada", reproduzida do *Valor Econômico* (27/09/13), a jornalista "presente na coletiva de imprensa na Alemanha, fez a pergunta que causou surpresa, mas nunca será improvável: 'Onde estão os autores índios?'" A essa pergunta, o próprio jornal *Valor econômico* responde:

Há um índio. Um dos que viajam para representar o país na maior feira de livros do mundo é Daniel Munduruku, que expressa sua etnia no sobrenome, com mais de três dezenas de obras para o público infantil, parte já traduzida no exterior. No entanto, apenas um não é medida razoável e o curador Manuel da Costa Pinto teve de explicar por que são poucos os índios como autor ou tema. (AGUIAR, 2013)

Entendida como uma crítica ao Brasil, cujas minorias não tem muita chance de mudar a sua própria história de marginalização, ninguém pensou em questionar à nação anfitriã: onde estão os escritores pomeranos da Alemanha? Comunidade marginalizada, assim como as nações indígenas no Brasil (guardadas as devidas proporções), a Pomerânia que, já teve um dia cultura e língua diferentes do modelo tradicional alemão, nem sequer é mencionada nos livros de história daquele país.

Porém, voltemos para o cerne da questão. Curiosamente, a pergunta acerca das minorias indígenas brasileiras traz à tona outra problemática, aquilo que já está arraigado no pensamento estrangeiro, ou seja, o senso comum, que vê no índio a imagem da nação. Pensamento do início do século XIX, que ainda é presente na ideologia que se criou, em relação aos sulamericanos mundo à fora.

Segundo a escritora Ana Beatriz Barel, em sua obra *Um romantismo a oeste* (2002) alguns problemas ainda geram inquietações, como as tênues mudanças "dos contornos desse país fortemente ancorado numa estrutura econômica (de aspecto ainda) colonial". Esses problemas são atualíssimos, e "convidam os intelectuais a novas formas de reflexão e a novas temáticas, desobrigando-os, se podemos dizer assim, de repisar os louvores à nossa tropicalidade paradisíaca e nosso exotismo", passando a incluir a fatura de temas realmente caros a nossa sociedade (BAREL, 2003, p. 209). Nesse sentido, o próprio Graciliano Ramos (2013) dá as dicas acerca da tematização da obra, imbuída de ideologia verdadeiramente condizente com o nosso cotidiano, porque "não somos românticos - e naturalmente desejamos destruir muita coisa. Outros usarão mais tarde o prumo, o nível, a colher de pedreiro. O nosso instrumento agora é a picareta. Mas está visto que não nos serve qualquer picareta" (p. 280). Assim, em boa síntese:

Cairemos então no idealismo? Não cairemos: naturalmente a coisa externa preexiste, para nós, e a interna é apenas um reflexo dela, imagem com certeza deformada. Evitamos as deformações voluntárias. Contudo, por muito realistas que sejamos, não temos a pretensão de apanhar a realidade pura. Dela sabemos o que os nossos nervos transmitem, mas como a experiência alheia não nos desmente, apossamo-nos de uma pequenina verdade relativa, verdade contingente e humana, aceitamos o céu azul e os montes verdes, enojamo-nos à passagem dos caminhões de lixo da Prefeitura, declaramos horrível o pão atual (RAMOS, 2013, p. 279)

Obviamente, tal naturalização da imagem pintada sobre um quadro em "céu azul e montes verdes", é herança de uma colonização do Novo Mundo em busca do Eldorado. Tanto assim, que parece, pelo que foi visto no evento literário da Alemanha, por ter o Brasil como convidado e, devido ao nosso crescimento no mercado consumidor (sobretudo editorial) que, o Eldorado continua, mas agora em nível global e midiático, visto que tivemos a honra de sermos homenageados como país convidado, motivado pela nossa expansão de consumo literário. As "picaretas civilizadoras" continuam a abrir caminho pela literatura, pela arte, conforme prenunciado por Ramos. Enfim, estão de olho em nosso poder de compra, realmente somos um novo Eldorado.

Quando vemos o organizador da Feira Jurgen Boos elogiar o Brasil, somos tentados a acreditar que estamos ascendendo culturalmente. Contudo, conforme Graciliano Ramos, é "necessário conhecermos a razão dos nossos entusiasmos, não nos comovermos à toa" (RAMOS, 2013, p. 294). Um modo de desconfiança evocado pelo autor de *Vidas secas*, é abrir os olhos para a situação cultural do

nosso país. Ramos vê na obra literária trabalho árduo, "realisticamente" focado no esforço do intelectual, "antes de vermos no livro um veículo de cultura, devemos considerá-lo (...) mercadoria", não nos darmos a falsos romantismos.

Assim, "evidentemente ele (o livro) não é uma graça de Deus, como a luz do sol e a água da fonte: encerra o esforço de numerosas pessoas, do trabalho complexo do autor à rija labuta do impressor" (RAMOS, 2013, p. 293). Ou seja, o crescimento cultural requer esforço consciente das muitas dificuldades que ainda temos. Conforme disse Ruffato na Alemanha: "O que significa ser escritor num país situado na periferia do mundo, um lugar onde o termo capitalismo selvagem definitivamente não é uma metáfora? Para mim, escrever é compromisso." (Estado de S. Paulo, 2013).

Comprometimento intelectual sim, porém sem lugar para ilusões, somos um país crescente culturalmente, mas que ainda se encontra às voltas com violências e discriminações em todos os sentidos. Como discursou Ruffato, resgatando as origens das raízes do Brasil: "Nascemos sob a égide do genocídio (...) Se nossa população é mestiça, deve-se ao cruzamento de homens europeus com mulheres indígenas ou africanas – ou seja, a assimilação se deu através do estupro das nativas e negras pelos colonizadores brancos", realidade nada romântica por sinal.

O escritor e cartunista Ziraldo também teve participação na cena cultural de Frankfurt. O autor de *O menino maluquinho* não gostou da fala de Luiz Ruffato. Segundo o Estado de S. Paulo (8/10/2013) o cartunista "considerou-a inapropriada. 'Aqui não era o lugar. Ele deu todos os dados da miséria brasileira, que encontramos no Google. Se fosse em Doha, tudo bem', comentou, referindo-se ao Fórum Econômico Mundial". Naquele evento, ao que parecia, o caricaturista expunha consigo, de modo subjacente à visão da carnavalização do discurso moderno. Nesse viés, Mikhail Bakhtin (2010, p. 144) dirá que a imagem carnavalesca engloba duas visões que evidenciam uma crise, elas englobam "elogios e impropérios, mocidade e velhice, alto e baixo, face e traseiro, tolice e sabedoria (...) É típico ainda o emprego de objetos ao contrário: roupas pelo avesso, calças na cabeça, vasilhas em vez de adorno nas cabeças, utensílios domésticos como armas, etc." Enfim, o exagero e a excentricidade da cosmovisão do *locus amenus*, ou o lugar utópico do todo colorido.

Segundo a jornalista Maria Fernanda Rodrigues, assim que Ruffato encerrou o discurso, "a plateia começou a aplaudir", mas Ziraldo com o "dedo em riste, disse:

'Não tem que aplaudir!'" Acostumado a colorir o mundo ficcional, o "pai" do personagem que usa uma panela na cabeça, não gostou do "mundo em preto e branco", denunciado pelo ex-torneiro mecânico e autor de *Eles eram muitos cavalos*. Contudo, o cartunista gostou da palestra de Ana Maria Machado, que ao se pronunciar, "sugeriu que a plateia não procurasse exotismo e confirmação de clichês na literatura brasileira". Enfim, a autora parece ter escolhido as cores certas para dar o tom do seu discurso.

Lugares e não-lugares

Os interesses discutidos na Feira de Frankfurt mexeram com os ânimos também por aqui. Isto porque, segundo Zygmunt Bauman (2014), vivemos numa pós-modernidade que é fluida. Qualquer pequeno movimento econômico, político e cultural provoca ondas que movimentam os interesses da "macroestrutura" social. Neste sentido, devido às constantes mudanças e à mobilidade que a globalização nos proporciona, o escritor contemporâneo se vê em crise, obrigando-se a adaptar-se e articular ao mesmo tempo o seu papel de intelectual e de produtor de uma mercadoria que é literária.

Somadas à essas questões que trouxeram à tona, lá na Alemanha, o multiculturalismo mercadológico da literatura, o grupo de estudos Nação e Narração, da Universidade Federal Fluminense, sob a coordenação da Dra. Lúcia Helena e do Dr. Paulo César Oliveira, no XII Seminário Nação-invenção, teve como tema "O empobrecimento do debate intelectual: Escritores, críticos e leitores fora do lugar", cujo título vai ao encontro do que disse em uma entrevista o crítico Luiz Costa Lima, com referência ao seu livro *Frestas* (2013) e a declaração do escritor Ziraldo em Frankfurt acerca da palestra do romancista Luiz Ruffato já mencionada anteriormente: "aqui não é o lugar".

Assim, no próprio material de divulgação do seminário supracitado vemos que, segundo Costa Lima, existem quatro motivos prejudiciais ao debate intelectual, "a falta de tradição dessa atividade no Brasil; o analfabetismo generalizado; a existência de um círculo vicioso de banalização dentro da própria universidade; e, a presença de um compadrio que (...) prejudica o debate público, os concursos e o ensino". Portanto, indagamos, se o ambiente criado para que a literatura ocupe a cena das discussões não for o lugar, onde mais poderemos discorrer e cogitar sobre

o papel do escritor nos tempos de hoje? Em boa síntese, a orelha do *folder* do XII Seminário *Nação-invenção* nos leva a cogitar que:

O mercado e seu dirigismo afetam também o debate intelectual. Mercadoria desde o romantismo, a literatura parecia ao leitor lavra da consciência individual que, evidentemente, criava um protocolo de gosto para estimular o mercado e a leitura de suas obras, uma vez que os escritores românticos se defrontam com o esgotamento do mecenato, pela criação do novo contrato social burguês, baseado na iniciativa privada. Com o passar do tempo e a mudança de interesses do processo econômico social, a burguesia se afasta da literatura, na qual encontrara um alicerce de formação. Desde essa quebra de aliança, a situação da literatura e a sua relação com o mercado se torna mais problemática (...) indaga-se: de que modo ocorre, na atualidade, o impulso para a criação? Como vivem entre si o escritor, a veiculação da sua escrita em face das forças glotonas do mercado (NAÇÃO E NARRAÇÃO, 2014).

Nesse sentido, podemos compreender o espaço de discussão intelectual como uma espécie de "ágora", espaço que também está aberto à teoria, porque conforme Antoine Compagnon (2014), procuramos desconfiar do discurso como os que vimos na Alemanha que queria ver as "cores bonitas desse nosso Brasil".

Ao "reclamar" a crítica de Ruffato em Frankfurt, espaço da discussão que deveria servir para isso, Ziraldo evidencia um sintoma que infelizmente está cada vez mais latente, "o espaço público está cada vez mais vazio de questões públicas. Ele deixa de desempenhar sua antiga função de lugar de encontro e diálogo sobre problemas privados e questões públicas" (BAUMAN, 2014, p. 55)

O crítico de hoje, deve saber questionar as ideologias e suas "verdades", e evidenciar as suas "condições de possibilidade", questionando o discurso que não faz "senão legitimar essa prática com uma mentira". (p. 20). São traços dos quais podemos considerar sintomas contemporâneos, consciência crítica do escritor, que reflete sobre a sua condição pós-moderna; "traços esses que se referem, na realidade, à modernidade (ou pós-modernidade)", reagindo contra práticas discursivas e buscando desnudar o que há por trás da fala que não viu naquele evento em

Considerações finais

O intelectual de hoje sabe da difícil tarefa que tem pela frente. Um compromisso do escritor na sociedade contemporânea que, conforme as palavras de Bauman (2013), vive sob "o risco do desprezo", porque existe um abismo crescente que "não pode ser transposto apenas por esforços individuais (...) Pode-se

supor que o abismo em questão emergiu e cresceu precisamente por causa do esvaziamento do espaço público" (p. 53).

Espaços como estes, de discussão, são cada vez mais raros. Por isso, a Feira Literária de Frankfurt mostrou a importância de se levar a público discussões que permitem a articulação das ideias e, conseqüentemente, discutir a própria literatura sob o panorama mercadológico. De modo sintético, Bauman dirá que: "Como sempre, o trabalho do pensamento crítico é trazer à luz os muitos obstáculos que se amontoam no caminho da emancipação" (BAUMAN, 2014, p. 68).

As discussões realizadas lá, contribuíram substancialmente, não só nos jornais e revistas mundo à fora, mas inclusive para as ideias desenvolvidas neste nosso trabalho. Visto que, apesar de fluida e volátil, a pós-modernidade é sobretudo dinâmica.

A contemporaneidade articula a tradição, mas precisa do novo para sobreviver. Assim, nos interessam os debates intelectuais, pois é esse o nosso espaço, porque enquanto profissionais que somos, ainda que sob as condições cambiantes, temos a consciência, acima de tudo, de sermos sujeitos sociais e políticos. Escrevemos, criamos mundos ficcionais, mas sem perder de vista a realidade que nos cerca, através da pesquisa e da crítica literária propriamente dita.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAREL, Ana Beatriz Demarchi. **Um romantismo a oeste: modelo francês identidade nacional**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2004.

RAMOS, Graciliano; SALLA, Thiago (org.). **Garranchos**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

RODRIGUES, Maria Fernanda. **Escritor critica desigualdade no Brasil e divide opiniões em abertura da Feira de Frankfurt**. Frankfurt: O Estado de S. Paulo (08/10/2013 - 19h 07).

<http://estadão.com.br/diretodafonte> (acesso em 21/10/2013).

http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed766_brasil_em_edicao_revista_e_ampliada (acesso em 22/09/2014).